

GAU

GALERIA DE ARTE URBANA

VOL. **02** | 2013

ALMADA POR SE7E
CORREDOR VERDE
PANTÓNIO



NAS PAREDES...

FESTIVAL AMADORA BD

A organização do Festival Amadora BD, lançou o desafio à GAU, para na edição de 2012, se associarem as figuras que habitam o universo da BD às personagens que frequentam a street art. Entre os territórios que confluem, não só os destes dois discursos plásticos, mas também os das duas cidades envolvidas, procurámos construir uma ponte, trazendo à capital o artista de BD, Richard Câmara, e levando ao Festival, o street artist AkaCorleone. O primeiro, implantou no coração da Galeria, exatamente no Largo da Oliveirinha, a evocação de uma das mais simbólicas figuras do universo comics – um Mickey Mouse que, ainda na sua versão original e com um nariz pinoquiano de onde descolam aviões, parece brincar com coisas tão sérias como armamento. AkaCorleone, por sua vez, incendiou com uma paleta inesperada, um muro do Fórum Luís de Camões. A sua peça convive, por um lado, com uma vasta e revolucionária tradição muralista, por outro, a ausência de contorno, as manchas monocromáticas e as transparências, os padrões abstratos, as setas, o “BANG”, parecem problematizar o que em Corleone deriva do graffiti, da serigrafia, da BD, talvez até da pintura cubista. 



Richard Câmara



AkaCorleone

MAR | THERE IS ONE IN ALL OF US

Lisboa recebeu uma nova peça de arte urbana da autoria de Gonçalo MAR, na empena do edifício localizado na Rua da Cascalheira nº 1-5, no final da Av. de Ceuta. A obra, que consideramos uma requalificação estética daquele local, proporciona a um vasto público a possibilidade de desfrutar do trabalho deste reconhecido artista nacional, enriquecendo a paisagem urbana da cidade. Durante 4 dias, a execução desta intervenção animou o local, e as figuras coloridas e inspiradas no universo da banda desenhada que surgiam dos traços do artista, surpreendiam residentes, comerciantes e transeuntes, que foram manifestando o seu agrado pela iniciativa. A intervenção artística contou com o apoio da Galeria de Arte Urbana e assinala mais uma exposição individual do artista em Lisboa, intitulada “There is one in all of us”, que decorreu na Galeria INFLUX Contemporary Art. 



RAM E KLIT | FLOR DE ÍRIS

Parece improvável, mas agora temos um Corredor Verde a unir o topo do Parque Eduardo VII à colina de Monsanto! Parece improvável, mas passadas três décadas desde a concepção deste projeto, Gonçalo Ribeiro Telles vê a sua ideia materializada! Parece improvável, mas são 6 km com jardins, searas, hortas, ciclovias, pontes pedonais, parques infantis e arte urbana! Parece improvável, mas a GAU convidou dois companheiros de estrada que há muito não se reuniam para executarem várias paredes! Pois se pensarmos em jardins, árvores e flores, dentro do universo da street art nacional, quem é que vos ocorre? RAM e KLIT trabalharam uma empena da Rua de Campolide e um edifício junto ao parque de skate, mesmo atrás do Palácio da Justiça. Fazendo desabrochar algo simultaneamente humano e vegetal, KLIT traçou uma onda feita de pétalas e folhas, em verdes e azuis marinhos, que cresce, trespassa e arrasta enormes íris, inscritas por RAM. A “Flor de Íris” foi assim plantada, num compromisso entre as mãos e as latas de ambos, na simbiose que nos devolve a uma natureza primordial e na promessa, que o Corredor Verde concretiza, de um olhar ecológico sobre a cidade. 🌱



NAS PAREDES...

ROSTOS DO MURO AZUL

O muro do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (CHPL) continua, continua, continua por um km. Em determinado ponto, um azul-marinho e profundo começa a cobri-lo e os rostos surgem para nos encararem. Neste muro, observamos e somos observados, porque este muro é um espelho. Neste muro, cada um prefere mais uma figura, com o qual se identifica. E cada um vê os rostos que deseja nas faces que os criadores inscreveram. Novamente numa colaboração entre o CHPL e a GAU, lançou-se a convocatória para uma segunda fase de intervenções, tendo o respetivo júri selecionado 12 propostas da autoria de Another, Cripsta com Dilen, Draw, Drawing Jesus, Eime com Add Fuel, a crew Graffiti360, Maio, Raf, Robô, Smile, Tinta Crua e Zela. Se em cada retrato se encerram todas as formas do mundo, como adianta José Gil, então vários são os mundos street art aqui retratados. Com o nosso reconhecimento por todos os autores que deixarem os seus contributos, o muro continuará, dentro de breves instantes, com a abertura de um novo troço dedicado à mesma temática. 



Draw



Smile



Drawing Jesus



Robô



Graffiti360



Another



Zela



Add Fuel e Eime



Raf



Maio



Cripsta and Dilen



Tinta Crua

LISBOA É O LUGAR!

No domínio do graffiti e da street art, Lisboa continua a ser um dos destinos eleitos por artistas internacionais de relevo. Nestes últimos meses, a cidade viu materializarem-se nas suas ruas, peças do holandês Niels Shoe, uma das referências na produção caligráfica, a convite do Festival Eurobest, que contou com o apoio da GAU. Do francês C215, grande vulto na criação a stencil, com produção de Lara Seixo Rodrigues e com a colaboração da Galeria. Dos italianos Cripsta e Dilen, em resposta à convocatória do projeto "Rostos do Muro Azul". E, muito recentemente, do também francês M. Chat que surpreendeu Lisboa com o seu gato sorridente. 



M.Chat



Niels Shoe



C215

MOSTRA 2013...

ALMADA POR SE7E

“Almada por se7e” inaugura o ciclo expositivo da Galeria de Arte Urbana de 2013, integrando as comemorações dos 120 anos do nascimento de Almada Negreiros, com intervenções nos painéis da Calçada da Glória e do Largo da Oliveirinha. No contexto de uma obra pautada por uma forte heterogeneidade e por uma radical vanguarda que convida a uma constante revisitação, lançamos o desafio a sete artistas - Fidel Évora, João Samina, Mário Belém, Miguel Januário, Pantónio, Pedro Batista e Tamara Alves - no sentido de reinterpretarem algumas peças e temas emblemáticos naquele autor.

A iniciar a mostra, Pantónio trabalha o tema do universo das gares marítimas, enleando cordas, amarrações e outros elementos navais num ósseo e flutuante cavername que é estiradamente guiado por uma feminina figura de proa. Marcada por uma despojada paleta que evolui entre o preto e o branco predominantes, o vermelho e o azul em poucos apontamentos e o fundo num verde água lívido, quase desmaiado, o artista relata-nos o processo criativo desta peça: “Tentei ver para lá da riqueza visual do tema original e sintetizar todo aquele frenesim. Cheguei à conclusão que o que ele [Almada Negreiros] desenhou era a vontade, o ímpeto, e o mar como riqueza de subsistência, fronteira e capacidade social e então apercebi-me que me bastava lá ir desenhar o que já me era natural nos meus temas: a vontade de navegar e de transpor. Ele não gostou muito, mas hei-de desafiá-lo para trocarmos de posições para ele ver se é fácil!”

Segue-se a obra de Mário Belém, onde a pintura da figura feminina tão profusamente trabalhada por Almada, se encontra evocada. Num mar picado, uma pequena barca habitada por duas tágides, ruma em direção ao lado desconhecido da lua. A que é conduzida, abandona-se num gesto lânguido, a que conduz a embarcação, está vendada, mas o seu corpo acredita e e inclina-se no esforço de chegar. Nas palavras de Mário: “O meu ponto de partida foi o tema que me deram – aquela imagem que vocês me mostraram do Bristol Club [Pintura decorativa de Nu, 1926] - e depois andei a fazer um bocado de pesquisa de coisas do Almada e descobri um texto que ele escreveu para o primeiro Orpheu intitulado “Canção da Saudade” e que é brilhante. (...) Há um excerto em que diz “Se eu fosse cego amava toda a gente” e o que deu o mote a toda imagem foi “Eu amo a Lua do lado que eu nunca vi.”

No terceiro painel, Miguel Januário, em formato “Kissmywalls”, trabalhou simbolicamente o Manifesto Anti-Dantas e a produção gráfica de Almada. PIM! - Haverá interjeição que mais nos recorde Almada? Que nos traga o lastro da sua assinalável rebeldia? Foi precisamente essa palavra que Miguel decidiu retomar, reinscrevendo-a entre a mão tipográfica, a radiografia do jovem futurista e a arquitetura fragmentada de uma geração em derrocada. Assim, logo a abrir, o artista esclarece-nos que perante o convite da GAU para participar nesta exposição - “A interpretação tem imensos caminhos...e o desafio residia no modo de conseguirmos adequar a linguagem própria, descobrindo o que queríamos identificar, procurarmos a nossa interpretação, descobrindo um

resultado, o tal resultado.” E um pouco mais à frente, remata em relação a esta sua criação - “Procurei representar a ideia e a forma do Manifesto,(...) a ideia de estrutura e de revolução.”

A responsabilidade era enorme, bem o sabemos, pois a João Samina foi sugerido que criasse algo a partir da abstração geométrica concebida por Almada Negreiros. Obras como “O ponto de Bauhütte”, ou a “A porta da harmonia” ou “ $2R = 2 \ 0/9 + 0/10$ ” ou ainda o derradeiro mural “Começar”, assombraram a sua mente e ainda hoje o fazem. Depois foi chegar a uma surpreendente encruzilhada entre o olhar matemático de Almada e o gesto expressivo de João. Como se o fundo gestualista, pleno de escorrências e coreografia, coagulasse à superfície numa explosão suprematista. Este é sem dúvida o “Começar” de João Samina que entendeu logo - “(...) não vou replicar uma abstração geométrica do Almada, mas vou fazer uma abstração geométrica minha referenciada numa pesquisa que foi dele. E o mais interessante é que eu acho que ele nunca a concluiu... é um bocadinho o que me acontece: eu ando sempre à procura de qualquer coisa, depois pinto aquilo e no dia seguinte já fazia totalmente diferente.”

“Já que o meu tema são os figurinos de moda, decidi assumir a nudez como forma de protesto. A nudez como parte da natureza, como ideal de beleza. As primeiras roupas alguma vez feitas são as de peles de animais capturados pelo homem, neste caso evoco a lei de sobrevivência, os mais fortes sobrevivem e os mais fracos são comidos pelos animais maiores (o conceito que tentei representar desde o início “eat or be eaten” - mundo cão que é o da moda...e não só). Ao estarmos nus, estamos no mesmo patamar de qualquer outro animal, outra espécie. E por fim na tendência contemporânea, é a tatuagem e o piercing que se acentua, ao assumir a nudez como forma possível de manter uma identidade (...)” As palavras são de Tamara Alves e não será necessário acrescentar muito mais, talvez apenas referir o lancinante ataque, a paixão, o *pathos* que a autora deixou na arena do único painel vertical da GAU.

Já no Largo da Oliveirinha, o contraste não podia ser maior entre os dois painéis - Pedro Batista despojou-se, Fidel Évora acumulou-se. Pedro renunciou e chega a uma obra de grande frugalidade formal, Fidel colecionou e encena um transbordante “cabinet de curiosités”. E num certo sentido, os temas invocados nestas duas peças têm alguma proximidade: para Pedro, o campo do autorretrato que Almada larga e diversamente trabalhou ao longo da sua carreira, para Fidel a *commedia dell'arte* e todas as figuras de arlequins, columbinas e pierrots, personagens com as quais Almada se identificava e foi representando recorrentemente. “A minha peça é como se fosse uma cena de teatro, e depois como é uma peça muito cheia que ocupa a tela toda, cada pessoa pode tirar a suas próprias interpretações, pode ler à sua própria maneira.”, afirma Fidel e Pedro aponta “Queria retratar o Almada em diferentes fases, quando ele era jovem e quando era mais velho. Juntar a fotografia e o autorretrato dele, com a forma como eu o vejo. Há uma simbiose entre a visão dele próprio, enquanto artista e mais até enquanto homem, com a minha visão pessoal.” Enfim, o que sempre ambicionámos com esta exposição, um jogo de espelhos entre Almada e os outros SE7E. 



Tamara Alves



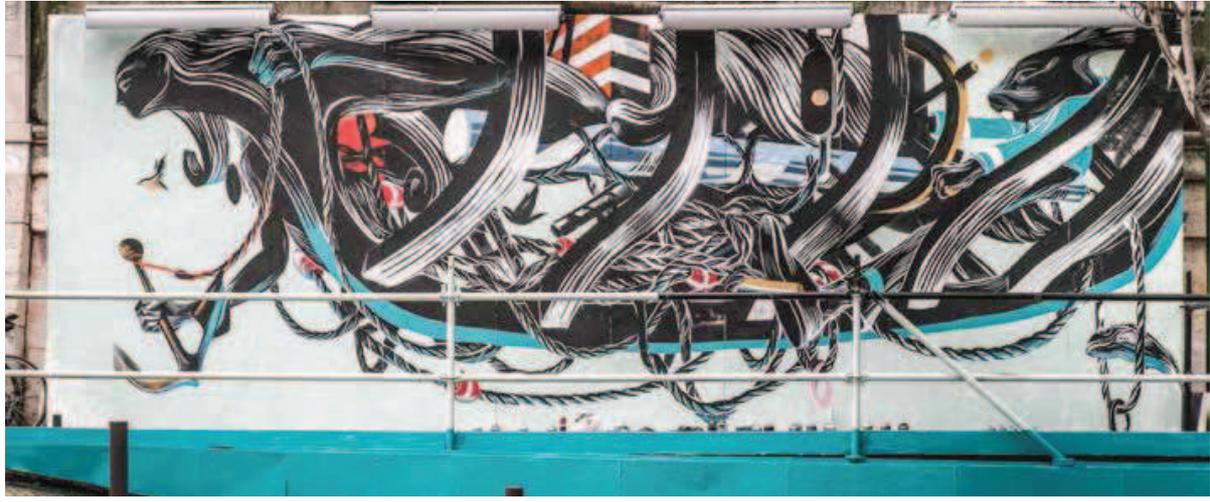
Pedro Batista



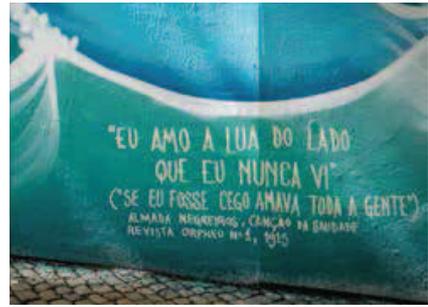
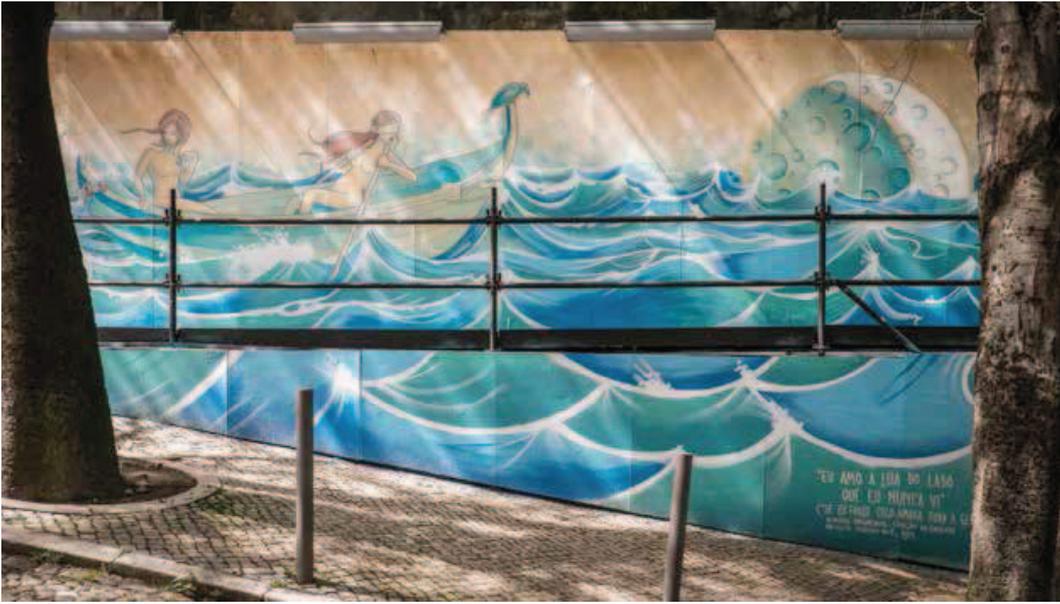
Fidel Évora







Pantónio



Mário Belém



Miguel Januário



João Samina

...ALÉM PAREDES

RECICLAR O OLHAR

No âmbito do programa “Enamorados por Lisboa”, ação municipal comemorativa do dia de S. Valentim, realizou-se no passado mês de Fevereiro a 5ª fase da ação “Reciclar o Olhar”. A iniciativa registou assinalável sucesso, pois o número de candidatos a pintar um vidrão superou os 50 equipamentos disponibilizados para o efeito, o que confirma a grande adesão da população a este projeto e o seu desejo de deixar um marca pessoal na Cidade, levando a GAU a perspetivar para breve a sua continuidade, através do lançamento de nova fase. 



Vítor Santos



Susana Costa e Ana Gil Pires



Hugo Henriques



Nuno Coelho



Robô

MEGAFONE

PALESTRAS

Mesa Redonda “Creativity or Business as Usual?”@ Universidade Católica Portuguesa

A GAU foi convidada, em Dezembro, pelo Clube de Gestão Cultural e Criativa da Universidade Católica Portuguesa, para participar na mesa-redonda subordinada ao tema “Creativity or Business as Usual?”, que contou ainda com a participação da artista plástica Sofia Areal, de Manuel Veiga do Gabinete do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, e de Celine Abecassis-Moedas docente da Universidade Católica.

“A arte urbana vai à escola!” – Apresentação na Escola Básica Sampaio Garrido

No final de Janeiro, a GAU visitou a Escola Básica Sampaio Garrido, e passou uma animada manhã com 50 alunos do 1º ano do 1º ciclo, a explicar o que é a arte urbana e a importância de proteger o património. O nosso agradecimento aos professores, auxiliares e crianças envolvidas nesta iniciativa.

VISITAS

Visita guiada de arte urbana com jovens da Junta de Freguesia de Santos-o-Velho

Em parceria com a J.F de Santos-o-Velho, a GAU

realizou uma visita guiada com trinta jovens. Durante a manhã, percorremos em autocarro as principais peças de arte urbana da cidade e de tarde, as atividades continuaram, através da pintura de um vidrão, localizado no Bairro da Madragoa.

Vestido para a cidade – Passeio CycleChic Arte Urbana

No âmbito da iniciativa “Enamorados por Lisboa”, a Galeria de Arte Urbana organizou, em parceria com o Lisbon CycleChic, um passeio por algumas das principais intervenções de arte urbana da cidade. O meio de transporte escolhido foi a bicicleta, ideal para as movimentações na cidade, perfeito para apreciar graffiti e street art.

Visita guiada de arte urbana com alunos da Escola Secundária de Carcavelos

Um conjunto de 50 jovens do Curso de Turismo desta Escola, acompanhados pelas professoras, percorreu com a GAU algumas obras de arte urbana de Lisboa. Visto que estávamos na presença de futuros profissionais na área do Turismo, tentámos sensibilizá-los para a crescente relevância no panorama turístico da cidade, que os registos de arte urbana têm vindo a adquirir.

INVENTARIAÇÃO

Fazer o levantamento dos registos de arte urbana existentes na cidade, desde 1974 até à atualidade, é um dos principais objetivos da GAU. Pretendemos não só registar as manifestações de arte urbana que se encontram, presentemente, em espaço público, mas também as que, devido ao seu carácter efémero, se perderam no tempo. Os registos inventariados podem ser consultados na *timeline* do site da GAU. No sentido de ampliar o número registos de arte urbana, apelamos à colaboração de todos os interessados neste universo, enviando-os para gau@cm-lisboa.pt.

ACERVO GAU

A Galeria de Arte Urbana está a constituir um acervo que presentemente integra as obras já doadas pelos artistas Gonçalo MAR, José Carvalho, Miguel Ayako, Miguel Januário, Nomen e RAM a quem muito agradecemos. Planeamos organizar uma iniciativa com este conjunto de peças e com as que poderão ainda vir a integrá-lo, no sentido de continuar a divulgar a produção artística dos writers nacionais.

ENTREVISTA COM...

PANTÓNIO

Pelas imagens patentes neste vol.02 da revista da GAU, percebemos que Pantónio tem realmente capacidade de síntese, a aptidão de criar uma imagem icónica que persiste na nossa memória, desdobrando-se em significados. Percebemos que Pantónio tem umas mãos e um olhar certos na afirmação daquilo que todos queríamos dizer e fazer, mas não sabíamos como. Percebemos que Pantónio tem um sentido de oportunidade único, trabalhando sobre o acaso como poucos. Pantónio, já percebemos que esta cidade te deve algumas peças incontornáveis na história da sua arte urbana.

1. Como e quando surgiu o teu nome?

Surgiu da forma que mais me agrada: alguém naturalmente me chamou assim; fui iniciar o departamento gráfico numa empresa e fiz uma birra que seria necessário investir e comprar catálogos de cor, os catálogos Pantone, que são caros, então uma colega bem-disposta ofereceu-me este apelido. Gostei porque um simples P acrescenta um cariz de personagem ao meu nome, não é estrangeirismo, e aliás se tirarmos as vogais e jogarmos à forca com o P e o T conseguimos escrever Portugal. E faz-me lembrar pantomima que é comunicar sem palavras, é mais ou menos o que faço, e desenho é gesto.

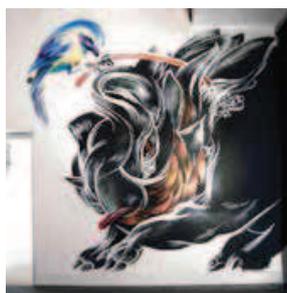
2. Nascestes nos Açores. Como foi saíres da ilha-mãe e vires para o continente-pai?

Sim, sou da Terceira, São Mateus freguesia piscatória. Saí dos Açores na altura certa da melhor forma: saí de lá com 16 anos, para ir estudar para a Escola Ofícios Artísticos de Vila Nova de Cerveira; foi por insistência de amigos artistas amigos dos meus pais e professores que já me viam a faltar às aulas ou a ir ensonado por passar as noites a desenhar e a ir roubar as cercas e portões aos vizinhos para fazer grades para os quadros e outras coisas para fazer experiências.

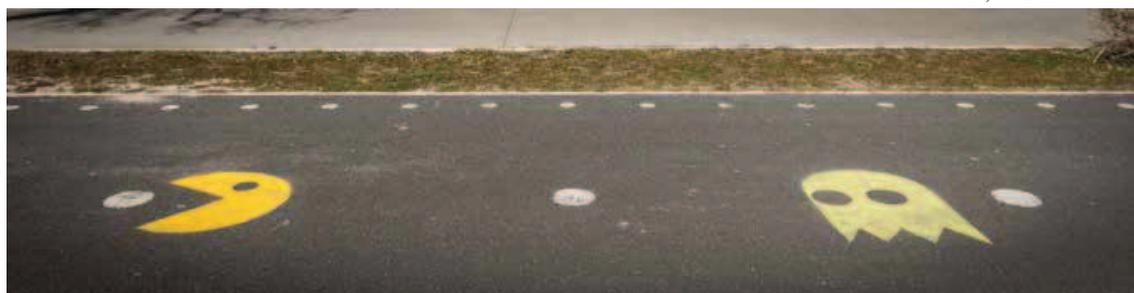
Foi muito bom, pois saí da alçada dos pais, para ser independente e conhecer e ter como professores aqueles que eram os artistas que admirava, numa idade de muito idealismo, portanto aproveitei tudo e vivi o que há a viver na altura certa. Lembro-me que tinha a ideia que no continente seriam tudo pessoas muito interessantes, pois havia todo aquele



Rua José Gomes Ferreira



Fotografia do Autor



Rua da Cintura do Porto de Lisboa



Fotografia do Autor

acesso a cultura, meios, cinema, tanta coisa que na altura não havia lá, mas também rapidamente me apercebi que todos esses meios não significavam assim tanta riqueza.

3. Como é o teu processo criativo, como surgem as ideias e os temas que tratas? E qual o contributo do acaso ou da coincidência em tudo isso?

Não consigo também eu perceber os meus processos criativos. Tento entender mas não lhe tenho controlo. Sei que é bastante desgastante, gostava de encontrar uma receita ou sistema que me facilitasse o processo. Eu penso que sou bastante observador do meio envolvente e sinto as suas sugestões, depois vou construindo hipóteses, ligando pontos do que está à direita e à esquerda; estudo desenhos; vou novamente observar o sítio, a pé de preferência; volto a recolher-me; deixo de gostar da ideia; deito-me e fecho os olhos e é aí que dou um pulo e digo eureka.

Por vezes é bem mais fácil, e com toda a sorte do mundo que tenho, vem uma solução ter comigo: já me ofereceram uma pedra numa terra de calhaus, e aí está tudo resolvido, é um processo verdadeiro para mim e para os outros.

4. O que há de especial no trabalho de rua? Fala-nos um pouco da tua última peça do “canhão-lápis”?

O trabalho de rua obriga-me a ser menos umbilical, a comunicar, a ser prático e a jogar - é divertido e físico. No trabalho de atelier às vezes crio casulo, e vícios, isso não me agrada.

Essa peça, nessa zona, surgiu por reparar que na zona de Santos, sendo uma zona onde estão duas escolas de ferramentas do desenho, a ETIC e o IADE, aparentemente não existem pinturas trabalhadas de conceito. Foi a minha forma de dizer aos alunos que por lá passam que num tempo de “guerras” como é este que vivemos, eles têm uma grande ferramenta nas mãos, uma ferramenta poderosíssima nos nossos dias. Que a usem para boas causas, é esse o porquê daquelas florzinhas a camuflar o canhão.

5. Como vês hoje, a arte urbana em Lisboa?

A ver pela quantidade de mails que recebo de artistas estrangeiros a indagar para virem a Lisboa de propósito pintar, penso estar muito bem de visibilidade. A GAU é uma boa ponte para seja possível fazer trabalho legal e pensado com conceito. Apesar daquele estigma português de se fazer o que se vê no estrangeiro, tenho visto muitos autores assumirem ícones e temas da nossa cultura. É uma boa oportunidade para nós mostrarmos que somos mais que mão-de-obra, somos ideias e criatividade. 



Rua José Gomes Ferreira



Praça dos Restauradores, Fotografia do Autor



Fotografia do Autor

OBSERVATÓRIO



Tinta Crua



LowBros e Hium



Autor Desconhecido, Fotografia da GAU



Chinijos, Fotografia da GAU





Ninguém



Regg e Violante



±maismenos±



Nomen, Slap e Kurtz



Goo... Fotografia da GAU

PUBLICAÇÕES

Título: Porque Pintamos a Cidade? Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano

Autor: Ricardo Campos

“O graffiti contemporâneo é um fenómeno tipicamente urbano. Ao percorrermos diferentes cidades somos permanentemente surpreendidos por signos enigmáticos e personagens coloridas que nos espreitam dos lugares mais inusitados. Certamente já muitos se interrogaram sobre o seu sentido e o seu propósito. Este livro pretende responder a estas questões. Baseado numa investigação realizada recentemente, procura compreender as práticas, motivações e representações dos jovens que pintam as nossas cidades.”

Título: From Style Writing to Art: A Street Art Anthology

Autor: Magda Danysz (in collaboration with Mary-Noëlle Dana)

“In the beginning, there was tagging and writing on walls. Which gave birth to Style Writing and Graffiti. Which turned into what is now generally and too simply known as Street Art. Which is a complex and interesting art movement that, if anything, deserves a lot more than a shortcut. This book is 400-pages long. In it, you will find a history of Street Art, 200 illustrations and 50 artist biographies. Each biography covers their artistic career and a personal style review, as well as an artwork analysis section that helps to understand how each of these artists is a master of the genre.”

WEB

h2tuga - <http://www.h2tuga.net>

muralarts - <http://muralarts.org>

brooklynstreetart - <http://www.brooklynstreetart.com>

thisicolossal - <http://www.thisicolossal.com>

streetartlondon - <http://streetartlondon.co.uk>

EDITORIAL

Entre as iniciativas que marcam estes últimos 6 meses, salienta-se “Almada por se7e”, a nova exposição temática patente nos painéis da GAU, que integra as Comemorações dos 120 anos do nascimento de Almada Negreiros. No contexto de uma obra pautada por uma forte heterogeneidade e por uma radical vanguarda que convida a uma constante reavaliação, lançámos o desafio a sete artistas – Fidel Évora, João Samina, Mário Belém, Miguel Januário, Pantónio, Pedro Batista e Tamara Alves - no sentido de reinterpretarem algumas das peças emblemáticas daquele autor.

Na segunda fase do projeto “Rostos do Muro Azul”, repetimos o tema, mas diversificamos os autores, através de uma nova forma de participação. Eleitas por um júri constituído por elementos da GAU, do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa e por Nomen, um dos pioneiros no graffiti nacional, foram executadas mais 12 obras por artistas locais, do Porto e de Milão, nesta interminável parede dedicada à arte urbana. Já não no muro azul, mas antes no Corredor Verde, uma outra dupla de grande qualidade – RAM e KLIT - plantou “flores de íris” no caminho que se traça entre o Palácio da Justiça e Monsanto. E neste período a cidade acolheu outras intervenções de autorias tão diversificadas como – MAR, Pantónio, Niels Shoe, Richard Câmara.

Na esteira da estratégia de parcerias que temos vindo a desenvolver e após o lançamento do primeiro número da Revista GAU, sujeitámo-la ao crivo do olhar atento dos formandos da Academia Flag de Design e Comunicação, para acolhermos propostas de reinterpretação da sua imagem. O estímulo à criatividade sempre norteou a posição da Galeria em todas as suas áreas de atuação e quisemos reafirmá-lo nesta publicação. Aqui fica o resultado desta proveitosa colaboração, agradecendo-se o contributo dos dois jovens designers.

Jorge Ramos de Carvalho

CONTINUA...

Nas iniciativas que comemoram os seus 20 anos, a revista Visão em parceria com a GAU, promoveram um encontro improvável entre o escritor José Luís Peixoto e os ARM Collective, a dupla portuguesa de street artists. O universo pop-surreal de MAR em fusão com a abstração atmosférica e aquosa de RAM em diálogo com o reconhecido lirismo de Peixoto, encontrarão o seu lugar nos suportes que lhe são habituais – o papel das folhas de um livro e o reboco de um muro em Lisboa. Isto promete! 

Em breve será possível ver o resultado do concurso destinado a eleger a melhor proposta de intervenção artística para o muro situado no topo da Calçada do Poço dos Mouros, resultante da parceria estabelecida entre a GAU e a Junta de Freguesia da Penha de França. O “Lagarto da Penha”, lenda associada à história do local, foi o tema escolhido para o concurso e o mote para a intervenção. 



Fotografia de Miguel Carrelo

FICHA TÉCNICA

GAU vol 02 – Abril de 2013
Publicação semestral da Galeria de Arte Urbana
Edição da Câmara Municipal de Lisboa
Pelouro da Cultura
Direção Municipal da Cultura
Departamento de Património Cultural

Diretor - Jorge Ramos de Carvalho
Diretora Adjunta - Sílvia Câmara
Redação - Inês Machado, Miguel Carrelo, Patrícia Sousa, Sílvia Câmara
Projeto Gráfico - Ivo Almeida e Miguel Pedro
Secretariado - Gracinda Ribeiro

Fotografia da capa - ©José Vicente|GAU|CML|2012 – Ram e Klit|Corredor Verde
Fotografias do “Rostos do Muro Azul” - ©Miguel Carrelo|GAU|CML|2013
Fotografias restantes - ©José Vicente|GAU|CML|2012 e 2013 (exceto onde indicado)
Impressão - Guide
Tiragem - 1300 exemplares
Fontes - Helvética / Minion Pro
ISSN - 2182 – 777X
Depósito Legal - 351671/12
Distribuição - Gratuita
Contatos - Rua do Machadinho, nº 20, 1249-150 Lisboa| telef. 21 8171945|gau@cm-lisboa.pt